

«Tão hilariante como comovente.»

THE GUARDIAN

Querida Sra.

AJ PEARCE


Bird

FINALISTA DOS BRITISH BOOK AWARDS
PARA MELHOR LIVRO DE ESTREIA

TOP
SEL
LER

À minha mãe e ao meu pai.

Londres, dezembro de 1940

CAPÍTULO UM

Um Anúncio no Jornal

Assim que vi o anúncio no jornal, fiquei capaz de dar pulos de alegria. Tinha tido um dia bastante bom até àquele momento, apesar de a Luftwaffe ter incomodado toda a gente e ter-nos feito chegar atrasados ao trabalho, mas depois tinha conseguido arranjar uma cebola, o que era excelente para fazer um guisado. Porém, quando vi o anúncio, não podia ter ficado mais radiante.

Passavam 15 minutos das 15 horas, numa daquelas tristes tardes de dezembro em que o dia parece começar a escurecer antes de sequer ter clareado decentemente, e mesmo com duas camisolas interiores e um sobretudo era impossível uma pessoa manter-se quente. Sentada no piso superior do autocarro número 24, conseguia ver a minha respiração ao exalar.

Ia a caminho de casa vinda do meu emprego como secretária na empresa de advogados Strawman's Solicitors e estava ansiosa por descansar um bocadinho antes do turno da noite como telefonista no quartel dos bombeiros. Já tinha lido cada palavrinha das notícias da *Crónica de Londres* e estava agora a olhar para os horóscopos, nos quais não acreditava, mas que preferia ler, por via das dúvidas. No caso da minha melhor amiga, a Buntty, o horóscopo dizia: «Vai receber uma grande quantia de dinheiro muito em breve. Animal da sorte: doninha», o que era promissor. Já o meu horóscopo dizia: «As coisas podem vir a melhorar. Peixe da sorte: bacalhau», o que, em comparação, era bastante desanimador.

De repente, vi-o, na secção de «Anúncios de Emprego», encaixado entre uma vaga para Preparadores de Compota (não era necessária experiência) e uma vaga de Supervisor Sénior numa fábrica de fatos-macaco (de preferência com referências).

PROCURA-SE ASSISTENTE JÚNIOR: Assistente a tempo parcial para a Launceston Press Ltd., editora da *Crónica de Londres*. Tem de ser competente, mostrar entusiasmo e trabalhar arduamente; com datilografia de 60 ppm/110 ppm em estenografia. Candidaturas com urgência endereçadas a Sra. H. Bird, Launceston Press Ltd., Launceston House, Londres EC4.

Era o melhor emprego que alguma vez vira na minha vida.

Se havia coisa que eu queria neste mundo (além do fim da guerra e da morte de Hitler, claro), era ser jornalista. Ou, para ser mais precisa, aquilo a que as pessoas do meio chamavam «correspondente de guerra».

Nos últimos dez anos — desde que recebera uma visita ao jornal local como prémio por escrever um poema bastante horrível quando tinha 12 anos — havia sonhado com uma carreira jornalística.

O meu coração começou a bater descompassado, pulsando de tal forma através das camisolas interiores e do sobretudo que ameaçava saltar cá para fora e aterrar na senhora que ia sentada à minha frente. Estava muito grata pelo meu emprego na Strawman's Solicitors, mas queria desesperadamente aprender a ser repórter. Queria ser daquele tipo de pessoas que andavam sempre com um bloco na mão, hábil a farejar *intriga política* e a lançar *perguntas difíceis* a *representantes governamentais* ou, melhor ainda, entrar no último avião para um país longínquo a fim de enviar para a pátria *relatórios essenciais* sobre a resistência e a guerra.

Na escola, os meus professores diziam-me para me acalmar e não ter aspirações tão emocionantes, mesmo que Inglês fosse a disciplina em que me destacava. Também me impediram de escrever ao primeiro-ministro sobre a sua política externa para a revista da escola. Fora um começo desencorajador.

Desde então, mantivera-me firme na minha resolução, mas encontrar um emprego quando não se tem experiência praticamente nenhuma revelara-se complicado, especialmente porque o meu objetivo era trabalhar para um jornal de Fleet Street¹. Embora fosse, regra geral, uma otimista, tinha consciência de que três anos a escrever para a *Gazeta de Little Whitfield* durante as férias de verão não me iriam levar a Berlim.

No entanto, esta era a minha oportunidade.

Examinei novamente o anúncio, perguntando-me se conseguiria satisfazer os requisitos.

Competente

Eu era decididamente competente, embora não soubesse ao certo quais as competências que eles queriam que eu tivesse.

Entusiástica

Sem dúvida. Estava praticamente a gritar que nem uma louca no autocarro, mais entusiasmo era impossível.

Trabalhadora

Era capaz de dormir no chão do escritório se me pedissem.

Mal podia esperar para me candidatar.

Toquei no botão para sair na paragem seguinte e, ao som do tilintar alegre, o autocarro começou a abrandar. Agarrei na mala, na máscara de gás e na cebola, enfiei o jornal debaixo do braço e descii as escadas a grande velocidade, conseguindo deixar uma das minhas luvas para trás com a pressa.

— Obrigada — gritei à revisora, quase esbarrando com ela antes de saltar pela porta traseira.

O autocarro ainda não tinha parado completamente em frente à farmácia Boots, que continuava aberta, apesar de todas as suas janelas terem estourado na semana anterior, mas consegui saltar para o que restava do passeio e comecei a dirigir-me para casa.

A Boots não era a única loja a ter sido atingida durante os raids. Toda a rua tinha passado um mau bocado. A mercearia era agora

¹ Rua em Londres que foi o centro da imprensa britânica desde o século XVIII até à década de 1980. [N. T.]

pouco mais de meio muro e alguns escombros, quatro dos apartamentos do edifício contíguo tinham sido totalmente arrasados pelos bombardeamentos e havia apenas um grande buraco onde antes se encontrava a loja de lãs do Sr. Parsons. A zona de Pimlico continuava a manter o queixo erguido, mas não havia dúvidas de que sofrera uma grande perda.

Saltando por cima das crateras, atravessei a rua, abrandando para cumprimentar o Sr. Bone, o dono da tabacaria («Com este nome, seria de esperar que fosse um talhante!»), que organizava uma pilha de jornais à porta da loja. Ele já tinha vestido o fato-macaco de guarda encarregado da defesa contra ataques aéreos e soprava nos dedos para se manter quente.

— Boa tarde, Emmy — disse ele, entre baforadas. — Já tens a primeira edição? Traz uma bela fotografia de Suas Majestades na primeira página. — Ele sorriu animadamente. Apesar de tudo o que a guerra lhe tinha feito, o Sr. Bone era o homem mais alegre que eu conhecia. Por muito terríveis que fossem as notícias, ele conseguia salientar sempre algo agradável. — Não, não pares. Já percebi que vais com pressa.

Noutras circunstâncias, eu teria ficado para conversar sobre as notícias do dia. Por vezes, o Sr. Bone dava-me edições antigas de jornais ou da *Picture Post* se alguém tivesse feito uma reserva e se tivesse esquecido de a recolher, mesmo sabendo que devia devolvê-las à editora, mas hoje eu estava aflita para chegar a casa.

— Página 2, Sr. Bone — gritei com gratidão. — A *Crónica* precisa de uma assistente. Acho que é desta!

O Sr. Bone era um apoiante incondicional do meu sonho de me tornar uma correspondente de guerra, apesar de ficar preocupado com a minha vontade de ir para trás das linhas inimigas. Esboçou, portanto, um sorriso ainda mais rasgado, acenando com um exemplar do vespertino em sinal de triunfo.

— É esse o espírito, Emmy! — gritou ele. — Boa sorte. Vou guardarte o *Times* de hoje.

Gritei um agradecimento e acenei entusiasticamente com a mão livre, enquanto corria pela rua fora. Mais alguns minutos e depois uma

curva apertada à direita, evitando duas senhoras idosas que mostravam grande interesse no Walter, o vendedor de batatas assadas, muito provavelmente por causa do calor em seu redor. Em seguida, passei pelas salas de chá e cheguei a casa.

Eu e a Bunty dividíamos um apartamento no último andar da casa da avó dela, em Braybon Street. Na eventualidade de um ataque aéreo, enfrentávamos uma corrida desenfreada até ao abrigo que havia no jardim, mas já estávamos habituadas a isso e não nos preocupávamos por aí além, já que tínhamos muita sorte em viver lá de graça.

Abri de rompante a porta da rua, corri pelos ladrilhos do corredor e subi as escadas.

— Bunty! — gritei, na esperança de que ela me ouvisse três andares acima. — Não vais adivinhar o que aconteceu. Tenho a melhor notícia de todos os tempos!

Quando cheguei ao topo das escadas, a Bunty já tinha saído do quarto — vestia o seu roupão e esfregava os olhos cheios de sono. Ela trabalhava à noite como secretária no Gabinete de Guerra, mas é claro que não podia falar sobre o que a sua função implicava exatamente.

— Ganhámos a guerra? — perguntou ela. — Não me disseram nada lá no trabalho.

— É só uma questão de tempo — retorqui. — Não, mas olha... a melhor coisa a seguir a isso.

Enfiei-lhe o jornal na mão.

— Preparadores de Compota?

— Não, tolinha. Por baixo.

A Bunty sorriu e olhou novamente para a página, ficando com os olhos esbugalhados assim que viu o anúncio.

— Oh, meu DEUS! — A sua voz foi ficando mais alta a cada palavra. — EMMY, ESTE EMPREGO É A TUA CARA!

Anuí vigorosamente.

— Achas que sim? A sério? É, não é? — disse eu, deixando de fazer sentido.

— É claro que é. Vais ser fantástica.

A Bunty era a amiga mais leal do mundo. Era também extremamente pragmática, pelo que entrou em ação de imediato.

— Ah, e vais responder-lhes já hoje. Tens de ser a primeira da fila. O Sr. Strawman vai escrever-te uma carta de referência, não vai? E o comandante Davies, lá do quartel. Oh, meu Deus! Será que vais continuar a poder fazer os teus turnos lá?

Além do meu emprego durante o dia na empresa de advogados, inscrevera-me no Serviço de Bombeiros Auxiliares² como voluntária logo no início do *Blitz*. O meu irmão Jack andava no ar a batalhar que nem um louco e já era tempo de eu arregaçar as mangas também. O William, o namorado da Bunty, era bombeiro a tempo inteiro na Equipa B e, quando sugeriu que eu fosse telefonista voluntária no quartel dos bombeiros de Carlton Street, pareceu-me o ideal. Trabalhava três noites por semana e conseguia compatibilizar esse horário com o meu trabalho de secretariado. Uma entrevista com o comandante Davies, o responsável pelo quartel, um exame médico para garantir que não estava prestes a cair para o lado, e lá estava eu. Um uniforme azul todo janota com botões cintilantes, sapatos pretos robustos e, toda orgulhosa, o meu boné com o distintivo do AFS.

Eu e a Bunty conhecíamos o William desde que éramos crianças e, quando entrei para o Serviço de Bombeiros Auxiliares, o jornal da nossa aldeia tinha vindo a Londres para tirar uma fotografia de nós os três. Publicaram-na sob a manchete «Little Whitfield Vai Salvar o Dia» e fizeram com que parecesse que eu, a Bunty e o William éramos responsáveis por manter toda a cidade segura e o Gabinete de Guerra a funcionar, completamente sozinhos. Mencionaram igualmente o meu noivo, Edmund, o que foi muito simpático, pois ele também era de Little Whitfield, embora tivessem dado a entender que ele era responsável por metade da Artilharia Real, o que o Edmund disse ser um exagero tremendo. Enviei-lhe o recorte de jornal, que lhe proporcionou umas boas gargalhadas. Foi simpático o jornal ter falado de todos nós. Senti-me como se estivesse nos bons velhos tempos, antes de a guerra

² No original, Auxiliary Fire Service, com a sigla AFS. [N. T.]

se ter intrometido nas nossas vidas e o Edmund ter sido enviado para o outro lado do mundo.

Duas semanas depois de eu ter entrado para os bombeiros, os alemães haviam começado a dedicar-se a Londres e eu sentia-me satisfeita por ser útil de alguma forma. A minha amiga Thelma, da Equipa B, disse que, mesmo que eu ainda não pudesse ser uma correspondente de guerra, pelo menos estava a fazer a minha parte.

— Oh, ainda bem, é só a tempo parcial — disse a Bunty, lendo novamente o anúncio e respondendo à sua própria pergunta. Já tinha parado de gritar e mostrava-se, agora, extremamente séria. — Sinceramente, Emmy — continuou ela. — Esta pode ser a tua grande oportunidade.

Olhámos uma para a outra por breves instantes, pensando na importância daquele momento.

— Aposto que estás a par das atualidades — disse ela. — Eles vão ficar tão impressionados.

— Não sei, Bunts — disse eu, subitamente nervosa. — Eles devem ter padrões extremamente elevados, mesmo para uma assistente júnior. Podes testar-me?

Dirigimo-nos para a sala de estar, onde duas pilhas de revistas e três álbuns de recortes de notícias estavam periclitantemente equilibrados na mesa de centro. Tirei o chapéu e retirei o caderno que trazia sempre na mala, *pelo sim, pelo não*, abri-o e avancei para o fim, onde tinha escrito APÊNDICE em grandes letras vermelhas e depois MEMBROS DO GABINETE DE GUERRA na linha seguinte.

Entreguei-o à Bunty, que se tinha atirado para o sofá.

— Vou fingir que estou a entrevistar-te — disse ela, apontando para a cadeira menos confortável da sala. — E vou ser muito severa. Em primeiro lugar, quem é o ministro das Finanças?

— Sir Kingsley Wood — respondi, enquanto desabotoava o casaco e me sentava. — Essa é fácil.

— Muito bem — disse a Bunty. — Ora vamos lá, então, o Lorde Presidente do Conselho? Mal posso esperar para que comeces. Os teus pais vão ficar tão contentes.

— Sir John Anderson — respondi. — Mas tem lá calma, ainda não consegui o emprego. Espero que os meus pais fiquem contentes com isto. Provavelmente, vão ficar preocupados, a pensar que vou ter de fazer coisas perigosas.

— Mas vão fingir que não se importam minimamente — replicou a Bunty.

Sorrimos. A Bunty conhecia os meus pais quase tão bem como eu. Os nossos pais tinham sido companheiros durante a Grande Guerra, e ela praticamente fazia parte da família.

— Faz-me uma pergunta mesmo difícil — pedi.

— Certíssimo — disse a Bunty, e depois parou. — Oh, acabei de me lembrar. O que é que achas que o Edmund vai dizer? Acho que ele vai ficar furioso — acrescentou ela, antes que eu conseguisse responder.

Apeteceu-me começar a defendê-lo, mas a Bunty tinha razão. Eu e o Edmund namorávamos há séculos e estávamos noivos há um ano e meio. Ele era maravilhoso — inteligente, amável e atencioso —, mas não era propriamente muito a favor da minha ambição de ter uma carreira jornalística. Por vezes, conseguia ser um pouco tacanho.

— Ele não é assim tão mau — acabei por dizer, mostrando a minha lealdade. — Tenho a certeza de que vai ficar satisfeito.

— E tu vais aceitar o emprego mesmo que ele não fique — acrescentou a Bunty com confiança.

— Podes crer que sim! Se me derem essa oportunidade.

Eu amava o Edmund, mas não ia ser um capacho.

— Espero mesmo que te ofereçam o emprego — disse ela, a fazer figas. — Têm de te escolher.

— Consegues imaginar? Uma assistente júnior na *Crónica de Londres*. — Olhei para o vazio, vendo-me a atravessar Londres num táxi a toda a velocidade para agarrar um furo. — O início de uma carreira jornalística.

— Bom para ti! — disse a Bunty com convicção. — Achas que te vais especializar como correspondente de guerra?

— Oh, sim, espero que sim! Vou usar calças e, quando ganharmos a guerra, vou poupar dinheiro para comprar o meu próprio carro,

e eu e o Edmund podemos arrendar um apartamento em Westminster, e provavelmente vou começar a fumar e a passar as minhas noites no teatro ou a atirar gracejos para o ar no Café de Paris.

A Bunty parecia entusiasmada.

— Mal posso esperar — comentou ela, como se estivéssemos a fazer planos para dali a duas semanas. — Se o Bill não me pedir em casamento, posso seguir uma carreira na política.

Antes de a guerra rebentar, o namorado da Bunty estava a estudar para se tornar arquiteto. Tencionava formar-se e começar a ganhar algum dinheiro antes de ficarem noivos.

— Oh, Bunts, é uma ideia esplêndida — disse eu, impressionada. — Não me tinha apercebido de que estavas interessada nesse tipo de coisas.

— Bem, não estou assim tão interessada, pelo menos por enquanto. Mas tenho a certeza de que muitos deputados vão querer descansar depois de termos vencido, e eu sempre gostei da ideia de falar na rádio.

— Bem pensado. E as pessoas vão respeitar-te porque trabalhaste no Gabinete de Guerra.

— Mas nunca falarei disso.

— Evidentemente.

As coisas estavam realmente a correr de feição. Eu ia ser jornalista e a Bunty ia fazer parte da BBC.

— Certo — disse eu, levantando-me. — Vou tratar da minha candidatura e depois vou até ao quartel para tentar falar com o comandante Davies. Não sei bem como é que ser telefonista voluntária me vai ajudar a arranjar emprego na *Crónica de Londres*, mas mal não faz de certeza.

— Que disparate! — exclamou a Bunty. — É perfeito. Se consegues aguentar-te e continuar a atender os telefones enquanto Hitler nos tenta rebentar a todos, vais ser absolutamente exemplar quando fores uma correspondente de guerra debaixo de fogo. O William diz que és a rapariga mais corajosa no turno e que não ficaste minimamente perturbada quando o Derek Hobson regressou em mau estado de uma missão.

— Bem, eu sou monitora de primeiros socorros — lembrei-a.

Não era algo em que me agradasse pensar. Não era o tipo de coisas que se devesse comentar, mas fora uma noite horrível e o Derek ainda estava de baixa.

A Bunty pegou novamente no jornal.

— És mesmo corajosa. E vais arrasar no teu novo emprego. Agora, é melhor começares a mexer-te — comentou ela, entregando-me o jornal. — Aqui diz *candidaturas com urgência*...

— Sinceramente — disse eu, pegando no jornal e ficando com uma expressão vaga —, não consigo acreditar que isto possa mesmo tornar-se realidade.

A Bunty sorriu e incentivou-me:

— Espera só para veres.

Peguei na mala, saquei da minha melhor caneta de tinta permanente e comecei a escrever.

CAPÍTULO DOIS

Sr. Collins, Artigos de Fundo e Editor-Geral

Uma semana depois de ter visto o anúncio no jornal, andava a esforçar-me por manter a calma. Tendo levado a obsessão de me manter atualizada relativamente às notícias a um nível sem precedentes desde que escrevi a carta à Sra. H. Bird, estava agora a caminho de uma entrevista na *Crónica de Londres*.

A Bunty tinha continuado a testar-me com verdadeiros interrogatórios e, quando contei à minha família e às meninas da Equipa B, todos ficaram simultaneamente muito entusiasmados e estranhamente confiantes na possibilidade de eu conseguir o emprego. Tinha escrito ao Edmund a contar-lhe sobre a entrevista e, embora fosse demasiado cedo para receber uma resposta dele, recebi muito apoio de outras frentes. No dia anterior, ao terminar o meu turno no quartel dos bombeiros, ouvira uma grande algazarra: as meninas gritaram «Boa sorte» e o William e os rapazes tentaram ser espirituosos e dizer o que ouvem dos jornalistas nos filmes: «Aguentem a primeira página» e «Vai-te a eles, miúda». Foram todos muito simpáticos e senti-me como se metade de Londres e toda a aldeia de Little Whitfield estivessem a apoiar-me.

Hoje, Londres estava a funcionar debaixo de um céu cinzento pesado e sombrio, como se um jovem gigante tivesse tirado o pólvora do uniforme escolar e tivesse acidentalmente coberto o West End. Desafiando o frio, eu envergava um elegante fato de sarja azul,

os meus melhores sapatos e um pequeno chapéu preto que pedira emprestado à Bunty. Tinha esperança de parecer simultaneamente profissional e alerta: o tipo de pessoa que conseguiria farejar um furo e perceber logo o que estava ali em causa; o tipo de pessoa que, seguramente, não teria o coração a bater com tanta força que ameaçava explodir.

Tinha o dia de folga e, embora tivesse de caminhar menos de uma hora, apanhei dois autocarros para não ficar toda desarranjada pelo vento e aparecer com ar de desmazelada. Tendo chegado bastante cedo, fiquei à porta da editora, nervosa, enquanto olhava para o enorme edifício ao estilo *art déco* que tinha à minha frente.

Poderei eu vir a trabalhar aqui? Era um pensamento alucinante.

Conforme inclinei a cabeça para trás, enquanto segurava o chapéu da Bunty com uma mão e agarrava a minha mala com a outra, já estava ligeiramente desequilibrada quando uma voz que parecia muito irritada se fez ouvir.

— A andar, a andar, ninguém gosta de uma mosca-morta.

Uma senhora robusta tinha saído do edifício e dirigia-se para mim com o que parecia ser um chapéu de veludo de homem. Uma pequena pena de faisão na aba dava-lhe um ar campestre algo invulgar para a cidade, enquanto outra parte da ave morta se unira a um pedaço de coelho para, juntos, criarem uma elegante pregadeira presa na lapela do casaco. Fez-me lembrar a minha tia Tiny, que anda a matar bicharada escondida atrás de sebes desde a primeira caçada à galinha-brava a que foi, tinha ela 3 anos.

— Peço desculpa — disse eu. — Estava só... — A senhora fez uma careta e passou apressada, deixando um aroma a sabão germicida atrás de si. — ... a ver.

Conforme observava a cabeça dela a avançar determinadamente do outro lado da estrada, tive a nítida sensação de estar na escola. A qualquer momento, uma campainha ia tocar para a aula de Educação Física.

Afastei a sensação. Estava ali para conseguir um emprego no qual lidaria com *notícias sérias sobre coisas de importância vital*, portanto, tinha

de arranjar coragem e entrar. Respirando fundo, olhei para o meu relógio pela enésima vez, depois subi os amplos degraus de mármore e atravessei a porta giratória. No interior, o vestíbulo era grandioso e fazia quase tanto frio como na rua. As paredes estavam cobertas por enormes retratos de homens com expressões implacáveis, representando 200 anos de editores que olhavam com um desprezo pintado a óleo para uma jovem com um chapéu emprestado que sonhava tornar-se correspondente. A qualquer momento, um deles iria escorraçar-me com impaciência.

Esperando não escorregar no piso polido, caminhei até à receção, dominada por um balcão alto de nogueira.

— Bom dia. Emmeline Lake, tenho uma reunião com a Sra. Bird, por favor. É para uma entrevista.

A jovem atrás da secretária esboçou um sorriso solidário.

— Quinto andar, menina Lake. Apanhe o elevador para o terceiro andar, vire à esquerda, percorra o corredor, suba dois pisos pelas escadas e passe pelas portas duplas quando lá chegar. Abra as portas à vontade. Não vai estar lá ninguém para a receber.

— Obrigada — agradei, retribuindo o sorriso. Esperava que todos ali fossem assim tão simpáticos.

— Quinto andar — disse ela, novamente. — Boa sorte.

Incentivada pela simpatia da jovem e tendo já quase esquecido a senhora desconcertante com que me cruzara nos degraus da entrada, juntei-me a dois cavalheiros de meia-idade que envergavam sobretudo e estavam à espera do elevador, discutindo a emissão radiofónica do primeiro-ministro na noite anterior. Um deles parecia abespinhado por causa da atividade dos Aliados em África e não parava de agitar as mãos até que as cinzas lhe voaram da ponta do cigarro, não acertando no companheiro por pouco. O outro homem aparentava não estar a ouvi-lo, mas ia expelindo ruidosas interjeições que demonstravam o seu desacordo.

Eu pus-me a ouvir a conversa deles enquanto a seta de latão por cima da porta se deteve no quarto piso e os homens continuaram a discutir.

— É uma jogada ridícula. Eles não têm qualquer hipótese. E, seja como for, o Selassie não sabe o que está a fazer.

— Que disparate! O que estás a dizer não faz sentido nenhum.

— Bah! Cinco xelins em como estás errado.

— Seria vergonhoso da minha parte ganhar dinheiro assim tão facilmente.

Só percebi que estava a olhar especada para os dois homens quando aquele que tinha o cigarro na mão olhou para mim.

— Então o que acha, querida? Será a Eritreia para esquecer? Melhor dizendo, valerá sequer o esforço?

Oh, meu Deus! Já estavam a pedir-me uma opinião política e eu ainda nem sequer tinha chegado à entrevista.

— Bem — respondi eu, sentindo-me preparada. — Pessoalmente, não estou totalmente convencida, mas se o Sr. Churchill acha que é uma boa ideia, eu diria que atirarmo-nos a eles pelo Sudão seria a melhor aposta.

O homem quase engoliu o cigarro. O amigo dele hesitou durante alguns segundos e depois soltou uma sonora gargalhada.

— Ora toma, Henry! Nem todas são tão ocas como parecem.

— Qualquer pessoa pode repetir uma frase que ouviu na rádio — retorquiu o outro, com desdém.

— Na verdade, li sobre isso no *Times* — repliquei, o que era verdade. Nenhum deles respondeu e recomeçaram a discussão quando o elevador finalmente chegou.

Entrei no elevador atrás deles e pedi educadamente ao ascensorista que me levasse até ao terceiro andar. Depois, ergui o queixo e senti-me confiante debaixo do chapéu. Tornar-me correspondente de guerra não seria fácil, mas não fiquei surpreendida. A minha mãe sempre me disse que muitos homens pensam que ter seios significa ser-se imbecil. Na opinião dela, a atitude mais inteligente é deixá-los assumir que efetivamente somos idiotas, para pormos mãos à obra e lhes mostrarmos que estão todos enganados.

Eu adorava a minha mãe, principalmente sempre que ela dizia algo como *seios* à frente de outras pessoas e o meu pai revirava os olhos e levava as mãos ao coração para dar ênfase.

Recordar-me dos meus pais animou-me quando saí no terceiro piso e subi as escadas. No topo, detive-me por breves instantes para retocar o pó de arroz no nariz e aconchegar uma madeixa de cabelo rebelde atrás da orelha, e tentei não me sentir intimidada perante uma grande imagem emoldurada de um cavalheiro bastante austero com cabelo branco e sobrancelhas farfalhudas. Reconheci-o de imediato. Tratava-se do Lorde Overton, milionário filantropo e proprietário da Launceston Press. Ele e a sua mulher apareciam constantemente nas notícias por causa do seu trabalho filantrópico, e eu admirava-os tremendamente a ambos.

Por um momento, a minha coragem quase me abandonou. Hesitei em frente às portas de batente que me levariam à Sra. Bird e à minha entrevista.

Respirar fundo, costas direitas.

Empurrei as portas e entrei num corredor estreito e escuro. Estava muito longe do imponente vestíbulo do rés do chão. Conforme me tinham dito, não havia rececionista. À minha frente, deparei com uma fila de portas, todas fechadas à exceção de duas e, além do som abafado de alguém a datilografar, praticamente não se ouvia mais nada. Se esperava uma redação animada cheia de tipos como aqueles dois com que subira no elevador, estava muito enganada. Talvez estivessem todos no exterior em reportagem.

Com a mala à frente do corpo, reparei numa porta entreaberta do lado direito um pouco mais à frente e perguntei-me se proferir um «Olá!» seria uma forma demasiado atrevida de me anunciar.

Abandonei essa ideia e decidi bater a uma das portas. Se eu conseguisse aquele emprego, poderia ter de telefonar para a América e pedir para me passarem a chamada para a Casa Branca. Este não era o local para corações fracos.

Na porta do gabinete à minha direita, podia ler-se *Menina Knighton* escrito numa placa por uma mão cuidadosa. Na parede ao lado, encontrava-se uma gravura emoldurada que exibia uma mulher a passear um caniche com uma expressão muito satisfeita. Não consegui perceber o que isso teria que ver com *eventos mundiais significativos*,

mas cada um sabe de si. Havia uma imagem semelhante na parede oposta, só que, nesse caso, a mulher trajava um vestido de verão e ria-se que nem uma louca para um gatinho.

Franzi o sobrolho. Eu gostava de animais, mas não percebi por que motivo um grande jornal havia de afixar fotografias de animais em tempos tão atribulados. Certamente um retrato do rei ou de alguém do Gabinete de Guerra seria mais apropriado para adornar aquelas paredes.

Talvez quisesse dizer que as pessoas que ali trabalhavam eram divertidas. Mas divertidas ou não, estava tudo deveras silencioso.

— MENINA KNIGHTON... — berrou um homem por detrás da outra porta entreaberta.— MENINA KNIGHTON! Oh, pelo amor de Deus... MENINA KNIGHTON. Onde diabo está ela? Mais valia falar com os surdos. NÃO SE PREOCUPE, EU FAÇO...

Ouviu-se um rebuliço e depois um baque forte.

— Oh, por amor de... Idiota!

— Olá? — chamei, encaminhando-me na direção do ruído. — Está tudo bem? Posso ajudar?

— É claro que estou bem. Kathleen, é a menina? Espere aí.

Houve mais barulho e depois um cavalheiro magro na casa dos 40 surgiu aos tropeções no corredor. Estava bem vestido com calças de *tweed* e colete a condizer, mas apresentava-se todo desalinhado. Tinha as mangas da camisa enroladas, o cabelo castanho precisava de um bom corte e as mãos estavam cobertas de tinta preta.

Era certamente um jornalista. Que entusiasmante, muito embora fizesse lembrar um criminoso.

O jornalista, que não se apresentou, mas que me olhou de relance por não ser a menina Knighton, afastou o cabelo dos olhos e ficou com a testa toda manchada de tinta. Por uma questão de educação, fingi não reparar.

— COMO ESTÁ? — cumprimentei em voz alta, porque, quando estou nervosa, tenho tendência a gritar. — Chamo-me Emmeline Lake. Tenho uma entrevista com a Sra. Bird.

— Oh, meu Deus! — Ele olhou para mim algo alarmado. — Já?

Sorri de uma forma que esperava que fosse perspicaz mas inteligente. Pelo menos, ele parecia saber da minha vinda.

— É às 14 horas — disse eu, tentando ser prestável.

— Muito bem, então. Bem, receio que ela não esteja cá. Claro, ela nunca está cá, o que é uma vantagem. Há que ver o copo meio cheio... Provavelmente, anda a organizar até à exaustão uma pobre obra de beneficência qualquer, deve ser isso.

Então calou-se. Eu não conseguia tirar os olhos das minhas botas.

— Certo — limitei-me a dizer, tentando manter-me positiva.

— Então, está aqui para a entrevista, menina...

— Lake. Sim. Mas posso esperar, se for preferível.

Olhei em redor em busca de um lugar para me sentar, mas o corredor estava vazio.

— Oh, não se preocupe com isso — disse ele, com alguma amabilidade. — Receio que tenha de se contentar comigo em vez dela. Mas tenho as mãos todas sujas com esta tinta desgraçada...

Decidi não mencionar que também tinha a cara toda mascarrada, não fosse isso desencadear algum impropério, mas tirei o meu lenço da mala e ofereci-lho. A minha mãe bordara uma flor e as minhas iniciais e oferecera-me aquele lenço no Natal.

— Obrigado. Desastre evitado. — Ele começou a obliterar o bonito bordado da minha mãe. — Bem. Entre lá, então.

Segui-o até ao seu gabinete, reparando no nome desgastado na porta.

SR. COLLINS

ARTIGOS DE FUNDO E EDITOR-GERAL

— Cuidado! Espalhou-se por todo o lado — avisou o Sr. Collins, enquanto eu atravessava a sala mais desarrumada que alguma vez vira.

Ele espremeu-se por detrás de uma secretária cheia de pilhas enormes de livros e papéis, juntamente com um cinzeiro a transbordar e o desafortunado tinteiro que tombara. Todo aquele cenário tinha um contorno teatral proporcionado pela única luz que havia

na sala: um candeeiro de secretária articulado com aspeto industrial, que parecia ter sido requisitado a uma fábrica devoluta de material médico.

Reparei num mata-borrão azul-clarinho no chão junto à secretária e baixei-me para o apanhar, entregando-lho depois, como se fossem as minhas credenciais.

— Ah, que bom. Sim — agradeceu ele, passando com desânimo o mata-borrão sobre a tinta vertida.

Passados alguns segundos, durante os quais aproveitei para olhar em redor e me perguntei se seria prática habitual dos jornalistas usarem uma garrafa de brandy semivazia como anteparo para livros, ele suspirou com força, desistiu de lidar com a confusão e olhou fixamente para mim.

— Muito bem — disse ele. — Vamos lá despachar isto. Agora, menina Emmeline Lake, aqui prontamente às 14 horas para ser entrevistada pela Sra. Bird e dona de um pequeno mas presentemente muito apreciado lenço...

Por muito trapalhão que parecesse, não tinha escapado nada ao Sr. Artigos de Fundo e Editor-Geral.

— Diga-me cá — continuou. — Que raio lhe passou pela cabeça para se candidatar a este emprego?

Não era assim que eu pensava que a entrevista iria começar.

— Bem... — comecei, recordando-me do que eu e a Bunty tínhamos ensaiado em casa. — Sou trabalhadora e consigo datilografar 65 palavras por minuto e 125 palavras em estenografia. — O Sr. Collins sufocou um bocejo que me distraiu, mas consegui prosseguir. — As minhas referências dizem que sou muito capaz e... — Ele fechou os olhos por alguns instantes. Tentei dar-lhe alguma informação relevante. — Trabalho numa empresa de advogados há dois anos e meio, por isso...

— Deixe lá estar essas coisas — disse ele. — Vamos direitos ao assunto.

Preparei-me para o que aí vinha, pronta para ser interrogada sobre os membros mais eficientes do Governo.

— Assusta-se com facilidade?

Ele estava mesmo a ir direito ao assunto. Tentei não parecer demasiado entusiasmada imaginando-me a percorrer Londres durante um raide aéreo a entrevistar pessoas.

— Julgo que não — respondi, subestimando o que esperava que fosse a minha incomensurável coragem, se necessária fosse.

— Hum. Veremos. É boa em ditados?

Ou a seguir um correspondente sénior, anotando todas as suas palavras à medida que procurávamos *informações de relevância nacional*.

— Sem sombra de dúvida. Cento e vinte e...

— Cinco palavras por minuto, sim — completou ele.

O Sr. Collins parecia nitidamente pouco impressionado. Pensei que também eu talvez pudesse achar as entrevistas a assistentes juniores muito aborrecidas se fosse uma editora-geral e responsável por artigos de fundo a trabalhar contrarrelógio para cumprir prazos apertadíssimos. Não admirava que aquele gabinete estivesse uma confusão. Não podia ser fácil mantê-lo organizado, especialmente sendo a menina Knighton tão pouco fiável. Ele estava provavelmente exausto.

Comecei a divagar. Talvez essa viesse a ser a minha função? Ajudar o Sr. Collins a cumprir os seus prazos. Anotar os ditados de *peessoas bem informadas* conforme ele as interrogava implacavelmente para obter as melhores notícias. Lembrar-lhe que tinha uma reunião oficiosa com um secretário parlamentar às 15 horas.

— Basicamente o que lhe estou a perguntar é se tem jeito para lidar com senhoras embirrentas... na verdade, velhas jarretas.

Apercebi-me de que, acidentalmente, tinha deixado de o ouvir.

Não conseguia perceber bem o que é que as velhas jarretas tinham que ver com a *Crónica de Londres*. Pensei na minha avó, que o meu pai dizia que não sorria desde antes da última guerra.

— Oh, sim — disse eu, com confiança. — Sou muito boa a lidar com senhoras... senhoras dessas.

O Sr. Collins arqueou uma sobrancelha e quase sorriu, mas claramente pensou que era melhor não o fazer, enquanto procurava alguma coisa dentro do bolso do colete e sacava de uma cigareira.

— Certo — disse ele, apoiando-se no cotovelo enquanto acendia um cigarro. Deu uma longa passa e fez um esgar. — Ora bem, menina Lake. A menina parece suficientemente agradável.

Tentei não parecer entusiasmada.

— Tem a certeza disto? A assistente anterior durou uma semana. E a que veio antes dessa não chegou à hora do lanche. Atenção, isso foi em parte culpa minha. — Ele fez uma pausa. — Já me disseram que, ocasionalmente, sou capaz de dar um berro ou dois — esclareceu ele.

— Tenho a certeza de que isso não é verdade — menti, pensando na forma como ele chamara a menina Knighton aos berros. — E de qualquer modo, as palavras...

— Hum?

— Leva-as o vento... — aventurei-me.

O Sr. Collins olhou para mim novamente e tive a nítida sensação de que estava a pensar em algo que não me diria. Finalmente, contraiu os lábios e anuiu.

— Acho que talvez sirva — disse ele. — Acho que talvez sirva, realmente. Quando é que pode começar?

Se os meus ouvidos não me estavam a enganar, aquele era o melhor dia da minha vida. Não fiquei minimamente incomodada por ele não me ter feito perguntas sobre qualquer dos tópicos que eu tinha andado a rever durante vários dias, e todas as perguntas perspicazes que eu tinha planeado fazer voaram-me do cérebro assim que ele disse a palavra «começar».

— Céus! — disse eu, sem conseguir causar a impressão sofisticada a que tinha aspirado. Tentei novamente. — Obrigada, Sr. Collins. Muito, muito obrigada. Acha que posso entregar imediatamente a minha demissão?

Nesse instante, vi um pequeno indício de um sorriso.

— Atrevo-me a dizer que sim, pode — disse ele. — Embora lhe diga que talvez não me agradeça assim que cá estiver.

Aposto que agradecerei, sem sombra de dúvida, pensei eu, mas não lhe disse, uma vez que estar muito perto de me tornar um membro da

equipa de um jornal famoso era tudo o que importava. O Sr. Collins parecia um tipo irónico e eu tinha a certeza de que os seus avisos eram apenas um procedimento habitual.

— Obrigada, Sr. Collins — reiterei, enquanto dávamos um aperto de mão. — Prometo que não o vou desapontar.

CAPÍTULO TRÊS

Atenciosamente, Sra. H. Bird

Olhando em retrospectiva, não ter feito uma única pergunta sobre o emprego ao Sr. Collins foi um erro colossal.

Mas a verdade é que, com toda aquela conversa que começou com ele a achar que eu era a tal menina Knighton e depois a história de me perguntar se era boa a lidar com velhas jarretas, além da emoção que sentia por me encontrar dentro das instalações de uma editora, a questão varrerá-se-me completamente. Motivo pelo qual, quando cheguei três semanas depois para começar a trabalhar, sentindo-me um bocadinho nervosa, envergando um fato castanho axadrezado novo que tinha costurado a partir de um fato antigo da minha mãe e munida da minha caneta de tinta permanente preferida, três lápis novos e um lenço de reserva na minha mala, surgiu alguma confusão.

Deixara o meu emprego na Strawman's Solicitors ao som dos bons auspícios e das instruções para não os esquecer e fui a casa, em Little Whitfield, para passar o Natal com os meus pais. Ansiosa por começar o meu novo emprego e tendo as lojas conseguido apresentar bastantes produtos apesar de tudo, fora uma época bem passada, muito embora o meu irmão Jack não tivesse conseguido obter uma licença. Como era Natal, todos fingimos que não estávamos tristes por causa disso nem preocupados com ele, embora estivéssemos as duas coisas, e a Bunty e a avó visitaram-nos no dia seguinte, o que ajudou a animar-nos a todos. Eu ainda não tivera notícias do Edmund, mas não estava desanimada,

visto que por vezes não sabíamos nada durante várias semanas, e depois podiam chegar quatro cartas quase simultaneamente. Tinha a certeza de que iria receber uma carta dentro de pouco tempo, talvez com um desenho de uma árvore de Natal ou uma cena na neve, porque o Edmund adorava desenhar. Escrevera-lhe a contar sobre o meu novo emprego, claro, e embora ele tivesse desconsiderado o meu sonho de me tornar correspondente de guerra noutras ocasiões, tinha a certeza de que ficaria satisfeito por mim. Tentei não me preocupar com a ideia de que ele pudesse querer que eu deixasse o meu emprego assim que nos casássemos, mas como ainda não tínhamos marcado uma data para o casamento, escondi essa possibilidade no fundo da minha mente.

De regresso a Londres, o início de janeiro tinha sido amargamente frio. O tempo bem podia ter estado melhor, mas as meninas do quartel achavam que, depois da terrível tarefa que a Luftwaffe tinha dado à cidade depois do Natal, as condições atmosféricas estavam agora a desanimá-la. A Thelma tinha a certeza de que isso só podia ser um *excelente sinal*, e a Joan estava convencida de que, se bastava um bocadinho de frio para lhes abalar o ânimo, aquela história toda iria acabar dentro de muito pouco tempo.

Independentemente dos acontecimentos, nada conseguiria impedir-me de me sentir no topo do mundo quando cheguei à Launceston Press, agarrada à carta mais maravilhosa do mundo.

Launceston Press Ltd.,
Launceston House, Londres EC4.

Segunda-feira, 16 de dezembro de 1940

Cara menina Lake,

Na sequência da sua entrevista com o Sr. Collins, confirmo a sua nomeação como assistente júnior a tempo parcial a partir de segunda-feira, 6 de janeiro de 1941.

Trabalhará todos os dias das 9 horas às 13 horas. Isto inclui um intervalo para um pequeno lanche de dez minutos, mas não inclui intervalo para o almoço.

O seu salário será de 19 xelins por semana e terá sete dias de licença remunerada para usufruir das suas férias todos os anos.

Deve apresentar-se a mim, Sra. Bird, às 9 horas em ponto no dia de início das suas funções.

Atenciosamente,

Sra. H. Bird

Sra. H. Bird
Editora interina

Editora interina! Não fazia ideia de que a Sra. Bird era a editora interina e que aquela posição implicava trabalhar para alguém tão importante. E uma mulher, ainda para mais! Fiquei tremendamente impressionada. Mesmo tendo em consideração que a maioria dos seus jovens jornalistas teria sido convocada para o serviço militar, era muito vanguardista da parte da *Crónica* ter posto uma mulher ao comando.

Desta vez, estava mais entusiasmada do que nervosa quando cheguei à Launceston House. Teria subido os degraus dois a dois se o conseguisse fazer com os meus sapatos de trabalho, mas, exibindo uma grande sensatez, apanhei o elevador até onde ele ia e tentei chegar com decoro e sem falta de ar.

Eu sabia que, como assistente júnior, estaria a começar no fundo da hierarquia, mas não me importava minimamente. Imaginei-me a tornar-me amiga de *tipos animados*, a discutir as notícias do dia entre admiráveis quantidades de trabalho árduo, a datilografar que nem uma louca, ou a escrever ditados impossivelmente rápidos. Talvez — a seu tempo — viesse a sugerir uma ideia para uma notícia, ou se alguém, infelizmente, ficasse doente, eu chegar-me-ia à frente e substituiria essa pessoa no local de um crime terrível ou durante um raide a meio da noite.

Cheguei ao quinto andar, delirante de entusiasmo, mas pronta para que me enviassem direitinha para os pisos mais amplos e mais iluminados do edifício, onde deveria ficar o gabinete da Sra. Bird. Por mim, não me importaria mesmo que me instalassem num armário de

arrumos, mas a editora interina teria certamente um gabinete muito importante, ou talvez até dois gabinetes ligados um ao outro.

Quando empurrei as portas duplas, deparei com um corredor vazio. Esperava que os gabinetes estivessem ocupados numa segunda-feira de manhã, afinal não havia falta de notícias para relatar. Tentei não pensar que, provavelmente, teria de datilografar textos bastante deprimentes no âmbito das minhas funções. Era o mínimo que eu podia fazer, na verdade. Fiquei animada ao ver que a menina Knighton parecia estar a trabalhar, pois a porta do seu gabinete estava entreaberta e eu conseguia ouvir a sua máquina de escrever: ela era incrivelmente rápida.

Arrisquei-me a interromper algo crucial e bati à porta.

— Olá — cumprimentei, perscrutando o espaço minúsculo. — Lamento incomodá-la, mas sou a nova assistente júnior. Poderia dizer-me em que andar encontro a Sra. Bird, por favor?

A menina Knighton, uma rapariga sardenta mais ou menos da minha idade com olhos verdes e um cabelo infeliz, olhou para mim com um rosto inexpressivo.

— Andar?

— Sim, em que andar fica o gabinete dela, por favor?

— Bem... — ela fez uma pausa, como se eu lhe tivesse feito uma pergunta com rasteira. — Neste.

A menina Knighton pareceu-me bastante jovem para ser *uma excêntrica*, mas retorqui «Ora muito bem», porque era nova ali e uma pessoa reservada dificilmente faz amigos.

— Aqui mesmo em frente — continuou ela. — A porta sem a placa com o nome. Caiu na semana passada e ninguém se deu ao trabalho de a arranjar.

A voz da menina Knighton baixou até se tornar um sussurro, como se esse fosse o crime mais hediondo.

O ruído súbito de uma porta a abrir violentamente fê-la quase saltar da cadeira e depois começar a escrever ainda mais depressa do que antes. Tomando isto como uma dica, eu própria me apressei a sair da pequena sala, esbarrando de caras com a pessoa que abrira a porta.

— Oh, céus — disse eu, recuando e olhando melhor para a figura indistinta. — Sinto muito.

— Eu que o diga — retrucou a mulher. — Isso era o meu pé.

Olhei para baixo e vi um sapato robusto perfeitamente engraxado com a impressão do meu pé e tentei não estremecer. Reconheci-a de imediato. Era a senhora notável que eu tinha encontrado no exterior do edifício no dia da minha entrevista. Ornamentada com o mesmo chapéu de penas, tinha aquele tipo de expressão que o Sr. Churchill ostentava nos noticiários quando Hitler andava a fazer gato-sapato dele.

Ela pareceu reconhecer-me também, o que me dava ainda menos motivos para ser otimista. Voltei a olhar para o sapato dela e considerei a possibilidade de ter um ataque de histeria ali mesmo.

— Eu realmente lamento muito — asseverei. — O meu nome é Emmeline Lake. Estou aqui para falar com a Sra. Bird.

Partindo para o tudo ou nada, sorri de uma forma encorajadora. Havia uma forte probabilidade de me considerarem lerda das ideias.

— Eu sou a Sra. Bird — anunciou a mulher.

— Como está? — cumprimentei-a com uma voz fininha, tentando mostrar surpresa, entusiasmo e um respeito tremendo, tudo ao mesmo tempo.

A Sra. Bird olhou para mim como se eu tivesse chegado da Lua. Era uma mulher impressionante de 60 e muitos anos, com uma cabeça oblonga, uma mandíbula formidavelmente quadrada e o cabelo ondulado cinzento-escuro. Tinha o aspeto de uma Rainha Vitória entrada, só que ainda mais colérica. Era difícil uma pessoa não se sentir assustada.

— Menina Lake, apresenta-se sempre desse modo arremessando-se contra as pessoas? Espere aí — acrescentou ela, antes que eu conseguisse formular uma resposta. — Estou com demasiado calor dentro deste casaco.

Com uma mobilidade impressionante para uma mulher de grande estatura e com uma certa idade, ela girou nos calcanhares e marchou para o gabinete em frente, fechando rapidamente a porta atrás de si.

Permaneci no corredor gelado, com o coração a bater descompassado.

Depois de uma longa espera, um berro a anunciar «Pode entrar» trovejou através da porta, proferido nitidamente por alguém que encara os megafones como sinal de fraqueza.

Respirei fundo e imaginei uma sala com uma grande secretária de mogno e um aparador robusto cheio de salvas de prata e decantadores de cristal para brindar com os jornalistas quando alguém conseguia um grande furo.

Mas a minha imaginação não podia estar mais enganada. A sala tinha o mesmo tamanho do gabinete do Sr. Collins, embora tivesse uma janela e fosse isenta do caos anárquico. Em vez de presidir a partir de uma enorme cadeira de cabedal à cabeça de uma magnífica secretária, a Sra. Bird estava sentada atrás de uma vulgar peça de madeira.

A janela, que ocupava metade da parede, encontrava-se bem aberta, apesar de estarmos em janeiro, e jorravam rajadas de ar gelado, que não pareciam incomodar minimamente a Sra. Bird. Ela já retirara o casaco e o chapéu, que estavam agora a sobrecarregar um bengaleiro num canto da divisão.

Além de um grande arquivador de metal e duas cadeiras de estenografia, a sala era extremamente austera, ostentando poucas provas de que havia uma mulher ao leme de um jornal concorrido. A secretária estava quase totalmente despida, tirando um mata-borrão intocado debruado a pele verde, um telefone e uma grande fotografia emoldurada da Sra. Bird em frente a um lago. Vestida informalmente com roupa grossa de lã e luvas de pele, estava rodeada por uma grande matilha de cães de caça, que a olhavam com uma devoção apaixonada.

— Aha! — disparou a Sra. Bird. — Já viu os Rapazes. Têm um cérebro de ervilha, claro. — Pela expressão no rosto da Sra. Bird era óbvio que ela mataria com as suas próprias mãos qualquer pessoa que pensasse sequer em tocar-lhes. — Idiotas chapados — acrescentou ela, com o peito inchado de orgulho.

— São todos seus, Sra. Bird? — perguntei eu, ansiosa por recuperar algum terreno.

— São — disse ela. — Dou-lhe um conselho, menina Lake. — Inclinou-se para a frente, o que foi alarmante. — Os cães são como as crianças. Barulhentos, treináveis, mas brancos e, muito provavelmente, cheirarão mal quando chegarem os convidados. — Fez uma carantonha. — Tenho oito.

Olhei novamente para a fotografia.

— *Cães* — esclareceu abruptamente a Sra. Bird. — Quanto a crianças, quatro é mais do que suficiente. Mais do que isso e acabamos por parecer vindos das classes trabalhadoras ou do catolicismo.

Acenei com a cabeça, sem saber bem qual seria a resposta apropriada. No entanto, a Sra. Bird continuou.

— É claro que, se estivéssemos na Alemanha, os Rapazes estariam todos mortos. Cinquenta centímetros até ao ombro. Mais alto do que isso, a não ser que sejam pastores-alemães: matam-nos. — Ela bateu com o punho na secretária.

— Que horror! — disse eu, pensando no *Brian*, o dogue alemão da minha tia Tiny, que todos nós adorávamos. Perguntei-me se ele se importaria de aprender a agachar-se.

— Ah, pois, os nazis são assim mesmo — esclareceu a Sra. Bird, sombriamente.

Voltei a anuir com a cabeça. O Führer não fazia ideia do que tinha ali para enfrentar.

— Agora... — A Sra. Bird pigarreou. — Esta conversa de circunstância não leva a lado nenhum. Menina Lake, pelo que percebi, tem experiência em publicações periódicas.

Chamar à *Gazeta de Little Whitfield* uma «publicação periódica» seria um pouco ambicioso.

— Não propriamente — disse eu. — Mas há muito tempo que quero trabalhar para um jornal. Espero, um dia, vir a ser correspondente de guerra.

Acabara de pôr as cartas em cima da mesa. Senti-me bastante ousada.

— Guerra? — ribombou a Sra. Bird, como se as minhas palavras tivessem saído do nada, apesar de Londres estar permanentemente

a preparar-se para o som das armas inimigas. — Não queremos maçar as pessoas com isso. Tem consciência de que irá apenas datilografar cartas, não tem?

Fitei-a com uma expressão vaga.

— O Sr. Collins falou-lhe da função? — A Sra. Bird franziu o sobrolho e bateu repetidamente com o dedo indicador direito na secretária com grande irritação.

Hesitei. Agora que pensava nisso, ele não o tinha feito.

— Datilografar cartas — repeti, a pensar alto em vez de responder à pergunta.

— É isso mesmo. E, claro, datilografar qualquer outra coisa de que eu possa precisar.

— Datilografar...

A Sra. Bird olhou para mim como se eu fosse idiota, o que eu sentia que podia corresponder à verdade naquele momento.

— Só isso. Nada de... hum... ajudar os repórteres?

Soprou outra rajada de vento gélido.

— Repórteres? Não seja ridícula — rosnou a Sra. Bird. — A menina é uma datilógrafa júnior, menina Lake. Não estou a perceber o porquê da confusão.

Tentei pensar depressa. Alguma coisa estava errada. Não tinha nada contra a datilografia, na verdade, até contava fazer muito disso.

Respirei fundo. Não ia deixar o Sr. Collins ficar mal logo no meu primeiro dia. Afinal, ele era o homem a quem eu tinha de agradecer por estar ali.

Recompus-me. Mesmo que o trabalho fosse um pouco menos entusiasmante do que eu esperava, não havia problema. Fosse como fosse, eu estava na *Crónica de Londres*. Tinha posto um pé no mundo do jornalismo. Poderia demorar um pouco mais do que o previsto, mas teria apenas de me esforçar mais.

— Sim, Sra. Bird — disse eu, tentando mostrar-me animada.
— Não. Sim. Absolutamente.

Não me sentia lá muito animada de todo.

A Sra. Bird continuava a bater com o dedo.

— Hum — resmungou ela. — Veremos como se dá. A menina Knighton vai mostrar-lhe os cantos à casa. Deve assinar ainda hoje o acordo de confidencialidade, e nada de se pôr a falar das cartas que lê. Nem uma palavra fora deste gabinete e, ao primeiro sinal de qualquer coisa de caráter desagradável, é logo para o caixote do lixo. Fui clara?

— Certo — disse eu de forma convincente, embora não fizesse a mínima ideia do que ela estava a falar. No entanto, fiquei satisfeita com o *caráter desagradável* e com a *confidencialidade*. Soava-me a coisas emocionantes. Talvez não gostassem de falar sobre a guerra ali, mas claramente lidavam com algumas notícias bastante duras.

— Ótimo. Sempre que não estiver a trabalhar para mim, irá ajudar o Sr. Collins. A menina Knighton há de saber quando pode ser dispensada. — A Sra. Bird adotou uma expressão severa. — Verá que sou uma pessoa muito ocupada. Este não é o meu único compromisso.

— Com certeza — disse eu, com reverência. — Obrigada.

Ela olhou de relance para o relógio de pulso.

— Estou atrasada. Bom dia, menina Lake.

Quase fiz uma vénia, mas lembrei-me a tempo de que a Sra. Bird não era a minha diretora de escola e retirei-me para o corredor.

As coisas tinham tomado um rumo um pouco diferente. Ainda assim...

Acordo de confidencialidade. Nem uma palavra fora deste gabinete. Veremos como se dá.

Continuava a ser o dia mais emocionante de sempre.



— O meu nome é Kathleen — disse a menina Knighton timidamente, quando fui ter ao seu gabinete minúsculo. — Espero que nos torne-mos amigas.

A Kathleen era alegre e perspicaz, embora falasse quase num sussurro e fosse difícil imaginá-la a lidar com a trovejante Sra. Bird. O seu cabelo encaracolado ruivo saltitava enquanto ela falava, espevitando-se

de todos os ângulos e dando a impressão de que tinha enfiado os dedos numa tomada.

— Obrigada — disse eu. — Também espero que sim. Por favor, trata-me por Emmy. O teu casaco de malha é lindo.

— Fi-lo no fim de semana — disse ela, radiante, e depois olhou para a porta com nervosismo. — Será que a Sra. Bird já saiu? É porque ela não gosta que se converse. — Então, esboçou uma expressão preocupada. — Sou sempre eu quem substitui as pessoas que não ficam cá, por isso posso mostrar-te os cantos à casa. Aquela ali é a tua secretária.

A velha secretária de carvalho da Kathleen estava virada para a porta e a minha estava encafuada mesmo atrás dela. Encaixado ao lado de cada secretária, de modo que uma pessoa tinha de se espremer para se poder sentar na sua cadeira, havia um arquivador alto de madeira. A Kathleen tinha um vaso com uma planta em cima do seu, o que escondia parcialmente um quadro de pinho no qual estava preso um calendário mensal com um círculo em torno de todas as quintas-feiras, várias imagens de malhas recortadas de revistas e uma lista de nomes com números de extensões telefónicas. Cada secretária tinha três bandejas de madeira empilhadas e uma máquina de escrever. A minha era enorme, antiga e verde, com a palavra *Corona* impressa na parte da frente em letras douradas. Tinha apenas três filas de teclas e parecia que seria preciso um aríete para se conseguir datilografar naquilo. Seguramente, já estaria a passar pela sua segunda guerra, por isso achei que devia ser robusta. Sentei-me e tirei os meus lápis.

— Kathleen, que tipo de artigos é que a Sra. Bird escreve? — perguntei eu.

— Que tipo de artigos? — repetiu ela, parecendo confusa. — Ela é a *Sra. Bird* — acrescentou, como se eu tivesse estado a dormir quando os miolos foram distribuídos.

— Bem... Ela mencionou que eu não deveria partilhar uma palavra fora do gabinete. — Baixei a voz. — O trabalho dela é extremamente confidencial?

Era óbvio que a Kathleen estava habituada a que as pessoas fizessem perguntas sobre informações sensíveis. A sua expressão permaneceu resolutamente inalterada.

— O quê?

A rapariga era mesmo uma profissional. Não deixou cair o manto de secretismo.

— É claro — disse eu, começando a ficar mesmo muito entusiasmada com as minhas novas funções. — Eu compreendo que provavelmente não devíamos falar sobre isso. As paredes têm ouvidos, mesmo aqui.

A Kathleen franziu o sobrolho e enrugou o nariz. Exibia a expressão de alguém a quem tinha sido dada uma soma particularmente difícil de resolver de cabeça. Eu era a favor do sigilo, mas esperava que não tivéssemos de manter isso permanentemente, porque assim era muito difícil avançar com qualquer conversa.

— Bolas! — disse ela, por fim. — Já estou a perceber porque é que te deram o emprego. És mesmo boa com a história da confidencialidade.

Senti o rosto ficar um pouco enrubescido com o elogio.

— Bem... — disse eu, heroicamente. — Eu tento.

— Tens de assinar o Acordo na mesma, é claro. — Ela remexeu numa gaveta. — Aqui tens.

Rápida como um relâmpago, saquei da minha caneta nova da mala e assinei o meu nome. Depois, comecei a ler o que estava escrito na folha.

Eu, [inserir nome],
comprometo-me, como funcionário(a) da Launceston Press Ltd., a tratar toda a correspondência enviada pelas leitoras da *Amiga da Mulher* com a mais estrita confidencialidade. Comprometo-me a não repetir o conteúdo das cartas a quaisquer pessoas que não sejam membros permanentes do quadro de pessoal da *Amiga da Mulher*...

Que infelicidade! A Kathleen dera-me o acordo errado.

— Oh, meu Deus! — exclamei. — Lamento muito, mas isto parece ser algo sobre uma tal *Amiga da Mulher*.

— Sim. — Ela esboçou um sorriso amplo e encorajador. — Não te preocupes, isso só quer dizer que não podes andar por aí a falar sobre aquilo que as leitoras escrevem. A Sra. Bird é muito rígida em relação a isso. — Ela fez uma pausa. — Algumas coisas são extremamente *personais*, como podes imaginar.

Retribuí-lhe o sorriso, mas não conseguia imaginar nada.

A Kathleen entendeu o meu silêncio como preocupação.

— Não te preocupes, Emmy — continuou ela. — A Sra. Bird não responde a nada picante, por isso não te vais ver em nenhuma situação embaraçosa.

Olhei de relance para uma estante à direita da Kathleen. Estava atulhada com publicações periódicas. Apercebi-me de que uma de nós poderia estar a perceber mal a coisa.

— Kathleen, o que é que faz exatamente a Sra. Bird?

Ela riu-se e tirou uma revista a cores de uma prateleira onde se encontrava uma pilha dessas revistas.

— Certamente já ouviste falar de «A Henrietta Bird Ajuda»? Ela já era famosa na *Amiga da Mulher* antes de nós as duas termos nascido. — A Kathleen inclinou-se e entregou-ma. — Penúltima página.

— Desculpa — disse eu, ainda sem perceber nada. — O que é que «A Henrietta Bird Ajuda» tem que ver com a *Crónica de Londres*?

A Kathleen riu-se novamente, mas depois parou de repente e inspirou fundo.

— Oh, não! Não pensaste que isto era um emprego no jornal *Crónica de Londres*, pois não? Oh, meu Deus, pensaste mesmo!

— Mas isto é efetivamente a *Crónica de Londres* — repliquei eu, agora mais com esperança do que com alguma certeza.

— Não, não é. Eles estão lá em baixo. Na parte toda bonitinha. Ambas as publicações pertencem à Launceston Press, mas eles nunca falam connosco. Somos o primo pobre e miserável. — Ela parecia notavelmente otimista em relação a isso. — Ai, Jesus! Fui eu que escrevi o anúncio para a Sra. Bird. Não era claro, pois não?

Virei para a capa da revista. Orgulhosamente escarrapachado, ali estava, em letras horrendas e antiquadas:

AMIGA DA MULHER

Para a Mulher Moderna

Faça os seus próprios naperons em croché

Lindos padrões no interior!

Por baixo da manchete, via-se um desenho intrincado de algo rendilhado. O resto da capa estava ocupado pela fotografia de uma mulher com um bebé enorme ao colo e algumas palavras dentro de um círculo: «A enfermeira McClay diz: “Abra essa janela e deixe o bebé respirar!”»

Era uma abordagem cortante para janeiro, mas eu não era especialista na matéria. Tentei assimilar tudo.

— A Sra. Bird foi a autora de conselhos da *Amiga da Mulher* mais adorada durante 20 anos — explicou a Kathleen. — Ela reformou-se em 1932, mas o Lorde Overton pediu-lhe pessoalmente que voltasse quando o nosso editor foi convocado para o serviço militar no ano passado.

O Lorde Overton. O proprietário da Launceston Press. O proprietário da *Crónica de Londres*. Pedira-o pessoalmente à Sra. Bird.

Olhei fixamente para o bebé gigante.

— Emmy — continuou a Kathleen, num tom de voz que se usa com pessoas que não sejam lá muito brilhantes —, a *Amiga da Mulher* é uma revista feminina semanal. O teu trabalho é datilografar as cartas para a Página dos Problemas.

Anuí, mas não consegui falar. A Kathleen esperou enquanto eu caía em mim.

Finalmente, esbocei o que esperava ser um destemido sorriso que indicava que estava tudo perfeitamente bem.

Porém, as coisas não estavam bem nem nada que se parecesse. O meu estado de espírito entrou numa espiral descendente.

Enquanto a Kathleen se oferecia para me mostrar os cantos à casa, tentei pensar com clareza. Aquilo não podia estar mais longe

do primeiro degrau de uma carreira jornalística. Encontrava-me a um milhão de quilómetros de distância de andar a correr atrás de repórteres ou a fazer chamadas telefónicas para a Casa Branca.

Eu tinha aceiteado o trabalho totalmente errado.



Uma palavra amiga pode fazer toda a diferença.

Em 1940, enquanto as bombas caem sobre Londres, Emmy Lake tenta contribuir para o esforço de guerra prestando serviço como telefonista no quartel de bombeiros, ao mesmo tempo que sonha com um trabalho como correspondente de guerra. Quando encontra um anúncio de emprego que parece ir ao encontro das suas expectativas, decide agarrar a oportunidade. Mas afinal o que a espera é um cargo de datilógrafa na revista *Amiga da Mulher*, sob as ordens da temível Henrietta Bird, responsável pela coluna de conselhos.

A Sra. Bird recusa-se a ter em consideração as cartas das leitoras que contenham assuntos «desagradáveis» ou moralmente duvidosos, mas Emmy não é capaz de ignorar os testemunhos de mulheres solitárias ou em sofrimento, e não resiste ao impulso de lhes acudir. É assim que, em segredo, começa a dar-lhes resposta em nome da Sra. Bird, sem imaginar o que poderá estar a pôr em risco. Afinal, que mal poderia haver na resposta a um pedido de ajuda?

**«Uma história de amizade verdadeira
e de como o amor consegue sobreviver até
aos tempos mais conturbados.»**

BOOKLIST

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-717-0



9 789895 647170

Romance Histórico